

os senhores do norte

bernard cornwell

Tradução de Paulo Alexandre Moreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



RIO TUEDE



● BEBBANBURG

CUMBRA
LAND

MAR DO
NORTE

Muralha de Adriano

RIO TIDE

● GYRUUM



● CAIR LIGUALID

● DUNHOLM

● CETREHE

● SYNNINGTHWAITE

● THRESK

● EOFERWIC

NORTÚMBRIA

● Eoferwic

RIO HUMBER

MERCIA

EAST
ANGLIA

Lundene

WESSEX

● Wintanceaster

É dedicado a Ed Breslin

...Com on wanre niht scrian sceadugenga

Da noite escura surge o viajante das sombras
Beowulf

TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, sem que exista consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Por isso Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que alguns leitores preferem outras versões dos nomes listados abaixo, mas, normalmente, recorri à grafia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo, o Grande (871-899 d.C.), ainda que nem essa solução seja a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente chamada Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente; uso Inglaterra em vez de Engaland, e preferi a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland de forma a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do país moderno. Assim, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Æthelingæg	Athelney, Somerset
Alclyt	Bishop Auckland, Condado de Durham
Baðum (pronuncia-se Bathum)	Bath, Avon
Bebbanburg	Castelo de Bamburgh, Nortúmbria
Berrocscire	Berkshire
Cair Ligualid	Carlisle, Cúmbria
Cetreht	Catterick, Yorkshire
Cippanhamm	Chippenham, Wiltshire
Contwaraburg	Canterbury, Kent
Cumbraland	Cúmbria
Cuncacester	Chester-le-Street, Condado de Durham
Cynuit	Cynuit Hillfort, nr. Carrington, Somerset
Defnascir	Devonshire
Dornwaraceaster	Dorchester, Dorset
Dunholm	Durham, Condado de Durham

Dyflin	Dublin, Eire
Eoferwic	York
Ethandun	Edington, Wiltshire
Exanceaster	Exeter, Devon
Fifhidan	Fyfield, Wiltshire
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire
Gyruum	Jarrow, Condado de Durham
Hamptonscir	Hampshire
Haithabu	Hedeby, vila mercantil do Sul da Dinamarca
Heagostealdes	Hexham, Northumberland
Hedene	Rio Eden, Cúmbria
Hocchale	Houghall, Condado de Durham
Horn	Hofn, Islândia
Hreapandune	Repton, Derbyshire
Kenet	Rio Kennet
Lindisfarena	Lindisfarne (A Ilha Sagrada), Northumberland
Lundene	Londres
Onhripum	Ripon, Yorkshire
Pedredan	Rio Parrett
Readingum	Reading, Berkshire
Scireburnan	Sherborne, Dorset
Snotengaham	Nottingham, Nottinghamshire
Strath Clota	Strathclyde
Sumorsæte	Somerset
Suth Seaxa	Sussex (Saxões do Sul)
Synningthwait	Swinithwaite, Yorkshire
Temes	Rio Tamisa
Thornsæta	Dorset
Thresk	Thirsk, Yorkshire
Tine	Rio Tyne
Tuede	Rio Tweed
Wiire	Rio Wear
Wiltun	Wilton, Wiltshire
Wiltunscir	Wiltshire
Wintanceaster	Winchester, Hampshire



PRIMEIRA PARTE
O REI ESCRAVO

Desejava a escuridão. Nessa noite de Verão, havia uma meia lua que não cessava de sair do seu esconderijo atrás das nuvens para me deixar nervoso. Eu desejava a escuridão. Tinha transportado dois sacos de couro até a um pequeno promontório que assinalava a fronteira norte da minha propriedade. A minha propriedade. Fifhaden, como lhe chamavam, fora a recompensa que recebera do rei Alfredo pelo serviço que lhe prestara em Ethandun, onde tínhamos destruído o exército dinamarquês, na grande colina verde. Tinha sido um recontro de escudos defensivos, e no final da batalha Alfredo era rei novamente porque os dinamarqueses tinham sido derrotados, e o Wessex vivia; e atrevo-me a dizer que fiz mais do que a maioria dos homens. A minha mulher morrera, o meu amigo morrera, e eu tinha recebido um ferimento de lança; e a minha recompensa fora Fifhaden.

Cinco peles. Era esse o significado daquele nome. Cinco peles! Dificilmente seria terra suficiente para sustentar as quatro famílias de escravos que aravam o solo, cuidavam das ovelhas e apanhavam o peixe no rio Kenet. Outros homens tinham recebido grandes propriedades, e a igreja fora recompensada com ricos bosques e grandes pastos, ao passo que eu recebera cinco peles¹. Odiava Alfredo. Era um rei infeliz, pio e avaro que desconfiava de mim porque eu não era cristão, porque era um homem do Norte, e porque lhe devolvera o seu reino em Ethandun. E como recompensa tinha recebido Fifhaden. Bastardo.

*

POR ISSO TRANSPORTEI OS DOIS SACOS ATÉ AO PROMONTÓRIO BAIXO CUJA erva servia de pasto às ovelhas e estava cheio de enormes pedras cinzentas que emitiam um brilho branco quando a lua conseguia escapar à cobertura das nuvens. Agachei-me atrás de uma dessas grandes pedras e Hild agachou-se ao meu lado.

¹ O inglês *hide* significa pele, mas também uma antiga medida agrária equivalente a cerca de 120 ares. Cinco *hides* seriam cerca de 60 mil metros quadrados. [N. do T.]

À época, era minha mulher. Fora freira em Cippanhamm, mas os dinamarqueses tinham capturado a cidade e tinham-na prostituído. Depois ficara comigo. Às vezes, ouvia-a rezar durante a noite, e as suas orações eram feitas de lágrimas e desespero; achava que ela acabaria por voltar para o seu deus, mas, até lá, eu era o seu refúgio.

— Porque esperamos? — perguntou.

Levei um dedo aos lábios num sinal para que se calasse. Ela olhou fixamente para mim. Tinha um rosto comprido, olhos grandes e cabelos dourados que escondia por baixo de um lenço esfarrapado. Eu achava que ela era um desperdício como freira. Alfredo, claro, desejava que ela voltasse para o convento. Fora por isso que a deixara ficar. Para o aborrecer. Bastardo.

Esperei, para ter a certeza de que ninguém nos observava. Era improvável, uma vez que ninguém gosta de sair à noite quando os horrores assolam a terra. Hild cerrou a mão em torno do crucifixo, mas eu sentia-me à vontade na escuridão. Desde criança que me habituara a amar a noite. Era um *sceadugengan*, um viajante das sombras, uma criatura que os outros homens recebavam.

Esperei muito tempo até me certificar de que não estava mais ninguém na pequena elevação e, em seguida, desembainhei Aguilhão de Vespa, a minha espada curta, e cortei um quadrado de turfa, que afastei para o lado. Depois escavei o solo e empilhei a terra sobre o meu manto. A lâmina embateu sucessivamente em grés e sílex e eu soube que Aguilhão de Vespa ficaria com a lâmina lascada, mas continuei a cavar até abrir um buraco suficientemente grande para enterrar uma criança. Colocámos os dois sacos no interior do buraco. Constituíam o meu tesouro. O meu ouro e a minha prata, a minha riqueza, e não me apetecia andar carregado com tal fardo. Possuía sessenta mil metros de terra, duas espadas, uma cota de malha, um escudo, um elmo e uma freira magra; mas não tinha homens que protegessem o meu tesouro, e por isso tinha de escondê-lo. Fiquei apenas com algumas moedas e dei as outras a guardar à terra. Cobrimos o tesouro, calcámos a terra e recolocámos a turfa no lugar. Esperei que a Lua saísse de trás de uma nuvem e, em seguida, observei a turfa e tive a certeza de que ninguém perceberia que fora mexida. Memorizei aquele lugar, registando-o na minha mente, assim como a todos os pedregulhos que o rodeavam. Um dia, quando tivesse meios de proteger tal tesouro, voltaria para o recuperar. Hild olhou para o túmulo do tesouro.

— Alfredo diz que deves ficar aqui — lembrou.

— Alfredo pode mijar na própria garganta — retorqui —, e espero

que o bastardo se engasgue e morra. — O mais provável era que morresse em breve, já que era um homem doente; tinha apenas vinte e nove anos, somente mais oito que eu, mas mais parecia ter cinquenta, e duvido que qualquer de nós lhe desse mais do que dois ou três anos de vida. Debatia-se constantemente com dores de barriga e estava sempre a correr para a caga-deira ou a tremer de febre.

Hild tocou na turfa que cobria o tesouro enterrado.

— Isto significa que vamos voltar para o Wessex? — perguntou.

— Isto significa — expliquei — que nenhum homem anda pelo meio dos seus inimigos na posse do seu tesouro. Está mais seguro aqui e, se sobrevivermos, logo viremos buscá-lo. Se eu morrer, virás tu buscá-lo.

Ela não disse nada. Levámos a terra que sobrara em cima do manto e deitámo-la ao rio.

De manhã, fomos buscar os nossos cavalos e partimos para leste. Íamos para Lundene, porque Lundene era o local de onde partiam todas as estradas. Era o destino que me guiava. Corria o ano de 878, tinha vinte e um anos e acreditava que as minhas espadas podiam ganhar o mundo para mim. Era Uhtred de Bebbanburg, o homem que matara Ubba Lothbrokson junto ao mar e que derrubara Svein do Cavalo Branco da sela em Ethandun. Era o homem que devolvera a Alfredo o seu reino, e odiava-o. Por isso, ia abandoná-lo. O meu caminho era o da espada, e seria esse caminho que me conduziria até casa. Iria para norte.

*

LUNDENE ERA A MAIOR CIDADE DE TODA A ILHA DA BRETANHA, E SEMPRE adorara as suas casas arruinadas e as suas vielas febris, mas Hild e eu só permanecemos ali dois dias, alojados numa taverna saxã da cidade nova, a oeste da decadente muralha romana. O local fazia parte da Mércia, então, e possuía uma guarnição dinamarquesa. As cervejarias estavam cheias de mercadores, de estrangeiros e de capitães de navios mercantes, e foi um mercador chamado Thorkild que nos ofereceu passagem para a Nortúmbria. Disse-lhe que me chamava Ragnarson — não acreditou em mim, mas também não fez perguntas — e ele deu-nos passagem em troca de duas moedas de prata e dos meus músculos ao serviço de um dos seus remos. Eu era saxão, mas fora criado por dinamarqueses e sabia a sua língua, e Thorkild acabou por assumir que eu era dinamarquês. O meu elmo fino, a cota de malha e as duas espadas diziam-lhe que eu era um guerreiro,

e é possível que suspeitasse que fosse um fugitivo do exército derrotado, mas isso também não lhe importava. Precisava de remadores. Alguns mercadores usavam apenas escravos aos remos, mas Thorkild achava que os escravos representavam problemas e empregava homens livres. Partimos com a maré baixa, com um barco cheio de fardos de linho, óleo de França, peles de castor, pilhas de finas selas e sacos de couro cheios de preciosos cominhos e mostarda. Uma vez longe da cidade e do estuário do Temes, estávamos em East Anglia, mas pouco vimos desse reino, já que na primeira noite se ergueu do mar um pernicioso e denso nevoeiro que não levantou durante dias. Em algumas manhãs não conseguíamos viajar de todo, e mesmo quando o tempo estava assim-assim nunca nos afastávamos da costa. Eu pensara viajar de barco até casa por ser mais rápido, mas, em vez disso, arrastávamo-nos ao longo de sucessivas milhas envoltos em nevoeiro, por entre um emaranhado de bancos de areia, ribeiros e correntes traiçoeiras. Parávamos todas as noites, procurando um local onde ancorar ou amarar, e passámos uma semana inteira num pântano esquecido de East Anglia porque tivemos um rombo nas tábuas da proa e não conseguíamos despejar a água com rapidez suficiente, o que nos obrigou a encalhar a embarcação numa praia lamacenta para procedermos às necessárias reparações. Quando acabámos de calafetar o casco, o tempo mudou, o sol brilhou sobre um mar liberto do nevoeiro e nós rumámos a norte, não sem deixarmos de parar todas as noites. Avistámos uma dúzia de outros navios, todos mais compridos e estreitos do que o de Thorkild. Eram navios de guerra dinamarqueses, e todos se dirigiam para norte. Calculei que fossem fugitivos do exército derrotado de Guthrum, de regresso à Dinamarca, ou talvez à Frísia, ou a qualquer outro lugar onde a pilhagem e o saque fossem mais do fáceis que no Wessex de Alfredo.

Thorkild era um homem alto e lúgubre que calculei ter uns trinta e cinco anos. Penteava o cabelo que começava a encanecer de forma a que o mesmo lhe caísse em compridas tranças até à cintura e os seus braços não exibiam as braceletes que comprovavam o valor de um guerreiro.

— Nunca fui um lutador — confessou-me. — Fui criado como mercador, sempre fui mercador, e o meu filho tomará conta do meu negócio quando eu morrer.

— Vives em Eoferwic? — perguntei-lhe.

— Em Lundene. Mas tenho um armazém em Eoferwic. É um bom lugar para comprar peles.

— Ricsig ainda aí governa? — quis saber.

Ele abanou a cabeça.

— Ricsig morreu há dois anos. Agora, é um homem chamado Egberto que se senta no trono.

— Havia um rei Egberto em Eoferwic, quando eu era criança...

— Este é o filho dele, ou o neto. É possível que seja um primo. Seja como for, é saxão.

— E quem governa realmente a Nortúmbria?

— Somos nós, claro — respondeu ele, querendo com isso dizer que eram os dinamarqueses. Era frequente os dinamarqueses sentarem saxões por si domados nos tronos dos países que ocupavam, e Egberto, quem quer que fosse, era, sem dúvida, um monarca preso à sua trela. Isso conferia uma aura de legalidade aos ocupadores dinamarqueses, mas o verdadeiro governante era o conde Ivarr, o dinamarquês que era proprietário da maioria das terras em redor da cidade. — O seu nome é Ivarr Ivarson — explicou-me Thorkild com uma ponta de orgulho na voz —, e o pai dele era Ivar Lothbrokson.

— Eu conheci Ivar Lothbrokson — disse eu.

Duvido que Thorkild tenha acreditado em mim, mas era verdade. Ivar Lothbrokson fora um guerreiro temível, magro e esquelético, selvagem e desagradável, mas fora amigo do conde Ragnar, que me criara. Ubba, o homem que eu matara junto ao mar, era seu irmão.

— Ivarr é o verdadeiro poder na Nortúmbria — explicou-me Thorkild —, mas não no vale do rio Wiire. Aí governa Kjartan. — Thorkild tocou no amuleto do martelo quando pronunciou o nome de Kjartan. — Agora chamam-lhe Kjartan, *o Cruel* — acrescentou —, e o filho é pior.

— Sven. — Pronunciei o nome com amargura. Conhecia Kjartan e Sven. Eram meus inimigos.

— Sven, *o Zanolho* — disse Thorkild com uma careta, voltando a tocar no amuleto como se quisesse afastar o mal que significavam os nomes que acabara de proferir. — E, a norte de ambos — continuou —, governa Ælfric de Bebbanburg.

Também o conhecia. Ælfric de Bebbanburg era meu tio e o ladrão das minhas terras, mas fingi não conhecer o nome.

— Ælfric? — perguntei. — Outro saxão?

— Um saxão — confirmou Thorkild. — Mas a sua fortaleza é demasiado poderosa para nós — acrescentou, em jeito de explicação para o facto de um senhor saxão ter permissão de permanência na Nortúmbria —, e ele não fez nada que nos ofendesse.

— É amigo dos dinamarqueses?

— Não é inimigo — respondeu ele. — São esses os três grandes senhores. Ivarr, Kjartan e Ælfric. Para lá das colinas de Cumbraland ninguém sabe o que se passa. — Referia-se à costa ocidental da Nortúmbria, voltada para o mar da Irlanda. — Havia um grande senhor dinamarquês em Cumbraland — continuou Thorkild. — Chamava-se Hardicnut, mas ouvi dizer que foi morto numa escaramuça. E agora? — Encolheu os ombros.

Estava então assim a Nortúmbria, um reino de senhores rivais, nenhum dos quais com motivos para gostar de mim, sendo que dois deles queriam ver-me morto. No entanto, era a minha terra e tinha um dever a cumprir ali, e era por isso que seguia o caminho da espada.

Era o dever ditado por uma disputa de sangue, uma disputa que tivera início cinco anos antes, na noite em que Kjartan e os seus homens tinham atacado a casa do conde Ragnar. Tinham incendiado a casa e assassinado as pessoas que tentavam fugir das chamas. Ragnar criara-me, e eu amava-o como a um pai; o seu assassínio continuava por vingar. Ragnar tinha um filho, que também se chamava Ragnar e era meu amigo, mas Ragnar, *o Jovem*, não podia vingar-se porque era refém no Wessex. Por isso eu iria para norte, encontraria Kjartan e matá-lo-ia. E mataria o seu filho, Sven, *o Zarolho*, que fizera prisioneira a filha de Ragnar. Thyra ainda viveria? Não sabia. Sabia apenas que jurara vingar a morte de Ragnar, *o Velho*. Enquanto impelia o remo do navio de Thorkild, às vezes dava por mim a pensar que era uma loucura voltar para casa estando a Nortúmbria cheia de inimigos, mas era o destino que me guiava, e senti um tremendo nó na garganta quando, por fim, virámos para a larga boca do Humber.

Não havia nada para ver além da costa baixa e enlameada, que mal se distinguia através da chuva e dos juncos que cresciam nos baixios, assinalando os ribeiros escondidos, assim como grandes tapetes de algas e sargaços estendidos na água cinzenta, mas aquele era o rio que conduzia à Nortúmbria, e naquele momento soube que tinha tomado a decisão certa. Aquela era a minha casa. Não era o Wessex, com os seus campos ricos e colinas gentis. O Wessex fora domado, estava preso ao arnês do rei e da Igreja, mas ali voavam bandos de patos selvagens.

— É aqui que vives? — perguntou Hild, quando as margens se tornaram visíveis de ambos os lados da embarcação.

— A minha terra fica muito para norte — respondi. — Aquilo é a Mércia — aponte para a margem sul do rio —, e ali fica a Nortúmbria

— aponte para o lado oposto. — E a Nortúmbria estende-se até às terras dos bárbaros.

— Bárbaros?

— Escoceses — respondi, cuspiendo para o lado. Antes da chegada dos dinamarqueses, os escoceses eram os nossos principais inimigos, que efectuavam surtidas constantes para sul, para o interior das nossas terras. Mas, tal como nós, também tinham sofrido o assalto dos homens do Norte e a ameaça que representavam diminuía, mas não deixara de existir.

Subimos o Ouse e as nossas canções acompanharam as remadas enquanto deslizávamos sob os salgueiros chorões e os amieiros, deixando para trás prados e bosques; uma vez que tínhamos entrado na Nortúmbria, Thorkild retirou a cabeça esculpida de cão que enfeitava a proa do navio, para que o animal feroz não assustasse os espíritos da terra. Nessa noite, sob um céu desmaiado, chegámos a Eoferwic, principal cidade da Nortúmbria e o lugar onde o meu pai fora assassinado e onde eu conhecera Ragnar, o *Velho*, que me criara e incutira em mim o amor pelos dinamarqueses.

Não ia a remar quando nos aproximámos da cidade, porque tinha remado o dia inteiro e Thorkild decidira dar-me algum descanso, motivo pelo qual me encontrava de pé à proa, a olhar para o fumo que subia acima dos telhados da cidade. Vi o primeiro cadáver quando baixei o olhar para o rio. O corpo pertencia a uma rapaz que não teria mais do que dez ou onze anos, e que estaria nu se não fosse um trapo enrolado em torno da cintura. Fora degolado, mas a enorme ferida na sua garganta já não deitava sangue; fora todo levado pelo Ouse. O seu comprido cabelo louro ondulava como algas sob a água.

Vimos mais dois cadáveres flutuantes, e depois aproximámo-nos o suficiente para vermos homens sobre os baluartes da cidade; e eram demasiados — homens com escudos e lanças. Havia mais homens junto aos cais do rio, homens que envergavam cotas de malha e que olhavam para nós com preocupação, homens de espadas desembainhadas; Thorkild ordenou aos nossos remadores que erguessem os remos e a água correu das pás imóveis. O navio deslizou pela corrente e eu ouvi gritos vindos da cidade.

Estava em casa.

1

Thorkild deixou o navio descer o rio durante uma centena de passos e, em seguida, encalhou-o de proa contra a margem, ao lado de um salgueiro chorão. Saltou para terra e amarrou uma corda de pele de foca à árvore para garantir que o barco ficava preso; em seguida, com um olhar temeroso para os homens armados que nos observavam do lado mais elevado da margem, correu apressadamente para a embarcação.

— Tu — apontou para mim —, descobre o que se passa.

— O que se passa é que há sarilhos — respondi. — Precisas de saber mais?

— Preciso de saber o que aconteceu ao meu armazém — disse ele, apontando com a cabeça na direcção dos homens armados —, e não quero perguntar-lhes. Por isso, podias fazê-lo em meu lugar.

Ele escolhera-me porque eu era um guerreiro, e porque não lamentaria se eu morresse. A maioria dos seus remadores era capaz de lutar mas ele evitava lutas sempre que podia, porque o derramamento de sangue e o comércio eram maus sócios. Os homens armados começaram a descer a margem. Eram seis, mas aproximaram-se de forma bastante hesitante, pois os homens que Thorkild tinha aos remos eram duas vezes o seu número, e todos eles estavam armados com machados e lanças.

Desci a cota de malha pela cabeça, desembrulhei o glorioso elmo coroadado com a cabeça de lobo que capturara num barco dinamarquês ao largo da costa galesa, cingi Bafo de Serpente e Aguilhão de Vespa e, assim equipado para a guerra, saltei desajeitadamente para terra. Escorreguei na margem íngreme, agarrei-me às urtigas para me equilibrar e lá subi desajeitadamente enquanto praguejava por causa do ardor nas mãos. Já ali estivera, porque aquela era a ampla pastagem junto ao rio de onde o meu pai lançara o ataque a Eoferwic. Ajeitei o elmo e gritei a Thorkild para que me atirasse o meu escudo. Ele fez o que lhe pedi. Estava prestes a encaminhar-me para os seis homens que se encontravam parados a observar-me, de espadas na mão, quando Hild saltou para o meu lado.

— Devias ter ficado no navio — censurei-a.

— Não sem ti — contrapôs. Tinha com ela o nosso saco de couro, que

continha pouco mais do que uma muda de roupa, uma faca e uma pedra de amolar. — O que são eles? — perguntou, referindo-se aos seis homens que continuavam a cinquenta passos de nós, não evidenciando qualquer pressa de encurtarem a distância.

— Vamos descobrir — respondi, desembainhando Bafo de Serpente.

As sombras eram longas e o fumo das fogueiras de cozinha da cidade assumia tons púrpura e dourados sob o crepúsculo. As gralhas voavam de volta aos ninhos e ao longe viam-se vacas que eram levadas para a ordenha da noite. Avancei para os seis homens. Envergava uma cota de malha, tinha um escudo e duas espadas, tinha as minhas braceletes e um elmo no valor de três boas cotas de malha, e a minha aparência fez estacar os seis homens, que se mantiveram muito próximos enquanto esperavam por mim. Todos tinham espadas desembainhadas, mas reparei que dois deles usavam crucifixos ao pescoço e isso levou-me a supor que fossem saxões.

— Quando um homem regressa a casa — gritei-lhes em inglês —, não espera ser recebido com espadas.

Dois deles eram homens mais velhos, aparentando trinta e tal anos, ambos de espessas e compridas barbas, e envergavam cotas de malha. Os outros quatro envergavam casacos de couro e eram mais jovens — não teriam mais de dezassete ou dezoito anos —, e as suas mãos pareciam tão pouco familiarizadas com as espadas que empunhavam como as minhas com um arado. Deviam ter assumido que eu era dinamarquês, uma vez que me tinham visto sair de um navio dinamarquês, e deviam saber que eles os seis eram suficientes para matar um dinamarquês, mas também sabiam que um guerreiro dinamarquês trajado em todo o seu esplendor devia ser capaz de matar pelo menos um ou dois deles antes que o matassem, motivo pelo qual se mostraram aliviados quando me dirigi a eles em inglês. E também espantados.

— Quem sois? — perguntou um dos homens mais velhos.

Não respondi, continuando a avançar na sua direcção. Se tivessem decidido atacar-me, teria sido forçado a fugir de forma ignominiosa ou a morrer, mas avancei com ar confiante, com o escudo em baixo e a ponta de Bafo de Serpente a roçar a erva alta. Entenderam a minha relutância em responder como arrogância, quando na verdade não passava de confusão. Pensara apresentar-me com outro nome que não o meu, uma vez que não queria que Kjartan ou o meu traíçoeiro tio soubessem que tinha regressado à Nortúmbria, mas o meu nome também era digno de reconhecimento, e senti a tentação tola de usá-lo para os espantar; a inspiração chegou-me mesmo a tempo.

— Sou Steapa, do Defnascir — anunciei. — Sou o homem que mandou Svein do Cavalo Branco para a sua morada debaixo da terra — gabei-me, para o caso de o nome de Steapa ser desconhecido na Nortúmbria.

O homem que me perguntara o nome recuou um passo.

— Sois Steapa? O que serve Alfredo?

— O próprio.

— Céus — disse o homem, baixando a espada. Um dos mais jovens levou a mão ao crucifixo e ajoelhou-se. Um terceiro embainhou a espada e os outros, decidindo que tal era prudente, seguiram o seu exemplo.

— Quem sois vós? — quis saber.

— Servimos o rei Egberto — respondeu um dos mais velhos.

— E os mortos — perguntei, apontando para o rio, onde outro cadáver nu descrevia lentos círculos ao sabor da corrente —, quem são?

— Dinamarqueses, senhor.

— Estais a matar dinamarqueses?

— É a vontade de Deus, senhor — respondeu o homem.

Apontei para o navio de Thorkild.

— Aquele homem é dinamarquês, e é também um amigo. Sereis capazes de o matar?

— Conhecemos Thorkild, senhor — respondeu o homem —, e se vier em paz viverá.

— E eu? — insisti. — O que fareis comigo?

— O rei gostaria de receber-vos, senhor. Atribuir-vos-á honras pela grande matança dos dinamarqueses.

— Por esta matança? — perguntei em tom escarninho, apontando Bafo de Serpente para um cadáver que flutuava no rio.

— Ele honraria a vitória sobre Guthrum, senhor. É verdade?

— É verdade — confirmei. — Eu estive lá.

Voltei-lhes as costas, embainhei Bafo de Serpente e fiz sinal a Thorkild, que desamarrou o navio e mandou remar rio acima. Gritei-lhe sobre a água, dizendo-lhe que os saxões de Egberto se tinham rebelado contra os dinamarqueses, mas que aqueles homens prometiam deixá-lo em paz se viesse como amigo.

— O que farias no meu lugar? — perguntou Thorkild em jeito de resposta. Os seus homens davam leves impulsos nos remos para manterem o navio parado contra a corrente do rio.

— Desce o rio — gritei-lhe em dinamarquês —, procura guerreiros de espada dinamarqueses e espera até saberes o que está a acontecer.

— E tu? — perguntou ele.

— Eu fico aqui — respondi.

Ele procurou dentro de uma bolsa e atirou-me qualquer coisa. Brilhou sob a luz moribunda e desapareceu entre os ranúnculos que enchem o pasto com as suas flores amarelas.

— Isso é pelo teu conselho — gritou —, e que tenhas uma vida longa, sejas quem fores.

Deu a volta ao navio, o que resultou numa manobra desajeitada, já que a embarcação era quase tão comprida como o Ouse era largo, mas conseguiu executá-la com perícia suficiente e os remos impeliram o navio rio abaixo e para longe da minha vida. Descobri mais tarde que o seu armazém tinha sido pilhado e que o dinamarquês armado que o guardava fora chacinado e a sua filha violada, pelo que o meu conselho valera a moeda de prata que Thorkild me atirara.

— Havei-lo mandado embora? — perguntou um dos barbudos em tom ressentido.

— Eu disse-vos que ele era um amigo. — Curvei-me para apanhar o xelim escondido pela erva alta. — Como sabeis da vitória de Alfredo? — perguntei.

— Recebemos a visita de um padre, senhor — respondeu o homem —, e ele contou-nos.

— Um padre?

— Do Wessex, senhor. Veio de Wessex até aqui. Era portador de uma mensagem do rei Alfredo.

Eu devia ter calculado que Alfredo queria que a notícia da sua vitória sobre Guthrum se espalhasse pela Inglaterra saxónica, e, ao que parecia, enviara padres com a mensagem de um Wessex vitorioso a todos os recantos onde vivessem saxões, e de que tinham sido Deus e os seus santos a dar-lhe esse triunfo. Um desses padres fora enviado para junto do rei Egberto de Eoferwic, um padre que chegara à cidade apenas um dia antes de mim, e fora então que a estupidez tivera início.

O padre viajara a cavalo, com a veste clerical embrulhada num fardo que transportava na traseira da sela, e visitara todas as casas saxãs da Mércia ocupada pelos dinamarqueses. Os saxões da Mércia tinham-no ajudado no seu caminho, fornecendo-lhe cavalos frescos todos os dias e escoltando-o ao passar pelas maiores guarnições dinamarquesas, até ele chegar à capital da Nortúmbria e dar ao rei Egberto a boa nova da vitória dos saxões ocidentais sobre o grande exército dos dinamarqueses.

Contudo, o que mais cativara os saxões da Nortúmbria fora a espantosa notícia de que São Cutberto aparecera em sonhos a Alfredo e lhe mostrara como alcançar a vitória. Supunha-se que Alfredo tivera tal sonho durante o Inverno da derrota, em Æthelingæg, onde os saxões fugitivos se tinham escondido dos conquistadores dinamarqueses, e a história daquele sonho era tão bem dirigida aos saxões de Egberto como a flecha de um caçador à sua presa, pois não havia santo mais reverenciado a norte do Humber. Cutberto era o ídolo da Nortúmbria, o cristão mais santo que alguma vez vivera, e não havia um pio lar saxão onde não lhe fossem dirigidas preces diárias. A ideia de que o glorioso santo do Norte ajudara o Wessex a derrotar os dinamarqueses fizera subir o ânimo do rei Egberto mais alto do que perdizes em fuga dos ceifeiros. Tinha todo o direito de se sentir satisfeito com a vitória de Alfredo, e não havia dúvida que não lhe agradava governar preso à trela dos dinamarqueses, mas o que devia ter feito era agradecer ao padre que lhe levara a notícia e, em seguida, para o impedir de falar, fechá-lo num canil como um cão. Ao invés, ordenara a Wulfhere, o arcebispo da cidade, que celebrasse um serviço de graças na maior igreja de Eoferwic. Wulfhere, que não era tolo, fora imediatamente vitimado por uma sezão e partira para o campo para recuperar, mas um palerma chamado padre Hrothweard substituíra-o, e na grande igreja de Eoferwic teve lugar um inflamado sermão em que se afirmava que São Cutberto tinha regressado dos céus para liderar os saxões ocidentais à vitória, e essa história idiota convencera os saxões de Eoferwic de que Deus e São Cutberto estavam prestes a libertar a sua própria terra dos dinamarqueses. E tivera início a matança.

Fui informado de tudo isto no caminho para a cidade. Também fiquei a saber que havia menos de uma centena de dinamarqueses em Eoferwic, porque o resto marchara para norte às ordens do conde Ivarr, para enfrentar um exército escocês que atravessara a fronteira.

Não havia memória de uma tal invasão, mas os escoceses do Sul tinham um novo rei, que jurara fazer de Eoferwic a sua nova capital, e Ivarr conduzira o seu exército para norte a fim de lhe dar uma lição.

Ivarr era o verdadeiro senhor da Nortúmbria Meridional. Se quisesse intitular-se rei, não haveria quem o impedisse, mas era conveniente ter um saxão dócil sentado no trono para cobrar os impostos e manter sossegados os seus compatriotas saxões. Enquanto isso, Ivarr podia fazer o que a sua família melhor sabia fazer: a guerra. Era um Lothbrok, e a família gaba-se de que nenhum dos seus homens morrera na cama. Todos tinham

morrido em combate, de espadas na mão. O pai de Ivarr e um dos seus tios tinham morrido na Irlanda, enquanto Ubba, o terceiro irmão Lothbrok, fora abatido pela minha espada em Cynuit. Agora, Ivarr, o último guerreiro de espada dinamarquês de uma família endurecida pela guerra marchava ao encontro dos escoceses, e jurara trazer o seu rei para Eoferwic preso com grilhetas de escravo.

Pensei que nenhum saxão no seu perfeito juízo se rebelaria contra Ivarr, que tinha fama de ser tão impiedoso como o pai, mas a vitória de Alfredo, e a pretensão de que esta fora inspirada por São Cutberto, tinha desencadeado a loucura em Eoferwic. A chama era alimentada pela pregação do padre Hrothweard. Afirmava que Deus, São Cutberto e um exército de anjos vinham a caminho para expulsar os dinamarqueses da Nortúmbria, e a minha chegada só encorajara aquela insanidade.

— Foi Deus que vos enviou — repetiam constantemente os homens que me tinham recebido, gritando a todos os que encontrávamos que eu era o matador de Svein, e quando chegámos ao palácio já havia uma pequena multidão atrás de mim e de Hild, que nos seguira pelas ruas estreitas ainda manchadas de sangue dinamarquês.

Eu já estivera no palácio de Eoferwic. Era um edifício romano de fina pedra branca com vastos pilares que sustentavam um telhado de telha agora coberto de palha enegrecida. O chão estava coberto de azulejos que em tempos representavam imagens de deuses romanos, mas estavam gastos e partidos, e os que se encontravam inteiros estavam, na sua maioria, cobertos de palha manchada pelo sangue da véspera. O grande salão cheirava como o pátio de um talhante e estava envolto no fumo das tochas acesas que iluminavam aquele espaço cavernoso.

O novo rei Egberto era, afinal, o sobrinho do velho rei Egberto, e tinha o rosto matreiro e a boca petulante do tio. Pareceu assustado quando me aproximei do estrado no extremo do salão, o que não era de admirar, porque o louco Hrothweard tinha desencadeado um verdadeiro furacão e Egberto devia saber que os dinamarqueses de Ivarr voltariam para se vingarem. No entanto, os seguidores de Egberto continuavam dominados pela excitação, certos de que a vitória de Alfredo era uma premonição da derrota final dos homens do Norte, e a minha chegada foi interpretada como mais um sinal dos céus. Fui empurrado para diante e a notícia da minha chegada foi gritada ao rei, que parecia confuso, e que ficou ainda mais confuso quando outra voz, uma voz familiar, me chamou pelo meu verdadeiro nome.

— Uhtred! Uhtred!

Olhei para a pessoa que falara e vi que era o padre Willibald.

— Uhtred! — gritou de novo, parecendo deliciado por me ver. Egberto olhou para mim com ar carrancudo e, em seguida, desviou o olhar para o padre. — Uhtred! — insisti o clérigo, ignorando o rei e avançando para me abraçar.

O padre Willibald era um bom amigo e um bom homem. Era um saxão ocidental que em tempos desempenhara as funções de capelão da frota de Alfredo, e o destino determinara que fosse ele o homem enviado para norte para dar a boa notícia da vitória em Ethandun aos saxões da Nortúmbria.

O clamor que se ouvia no salão sumiu-se. Egberto tentou assumir o comando das operações.

— Chamais-vos... — começou, decidindo depois que não sabia o meu nome.

— Steapa! — exclamou um dos homens que nos escoltara até à cidade.

— Uhtred! — anunciou Willibald, olhos brilhantes de excitação.

— Eu sou Uhtred de Bebbanburg — admiti, incapaz de manter o meu embuste.

— O homem que matou Ubba Lothbrokson! — anunciou Willibald, tentando levantar a minha mão direita para demonstrar que eu era um campeão. — E o homem que derrotou Svein do Cavalo Branco em Ethandun!

Dentro de dois dias, pensei para comigo, Kjartan, *o Cruel*, saberia que me encontrava na Nortúmbria, e num espaço de três dias o meu tio Ælfric teria conhecimento da minha chegada; se possuísse um mínimo de bom senso, teria aberto caminho para fora do salão, arrastando Hild comigo, e partido para sul com a mesma rapidez com que o arcebispo Wulfhere tinha desaparecido de Eoferwic.

— Estivestes em Ethandun? — perguntou-me Egberto.

— Estive, senhor.

— O que aconteceu?

Já tinham ouvido a história da batalha contada por Willibald, mas era a versão de um padre, carregada de preces e milagres. Contei-lhes o que queriam ouvir, que era uma história de matança e de dinamarqueses mortos contada pela boca de um guerreiro, e fui constantemente interrompido pelos gritos de aleluia de um padre de olhar feroz, cabelo hirsuto e barba rebelde. Calculei que fosse o padre Hrothweard, o padre que despoletara a matança em Eoferwic. Era jovem, pouco mais velho que eu, mas tinha uma voz poderosa e uma autoridade natural reforçada pela sua paixão. Cada aleluia era acompanhado por uma chuva de perdigotos, e, assim que acabei

de narrar a queda dos dinamarqueses da grande encosta de Ethandun, Hrothweard saltou para diante e arengou para a multidão.

— Este é Uhtred! — gritou, tocando-me nas costelas protegidas pela cota de malha. — Uhtred da Nortúmbria, Uhtred de Bebbanburg, um matador de dinamarqueses, um guerreiro de Deus, uma espada do Senhor! E veio até nós, como o abençoado São Cutberto visitou Alfredo no seu tempo provação! São sinais do Todo-Poderoso!

A multidão rejubilou, o rei pareceu assustado, e Hrothweard, sempre pronto a lançar-se num sermão inflamado, começou a espumar da boca à medida que descrevia o massacre que se avizinhava de todos dinamarqueses da Nortúmbria.

Consegui afastar-me de Hrothweard e dirigi-me para trás do estrado, onde agarrei Willibald pela parte de trás do pescoço magricela e o empurrei para uma passagem que conduzia aos aposentos privados do rei.

— Sois um idiota — rosnei —, um merdas. Um monte de merda destituído de miolos, é isso que sois. Devia esventrar-vos aqui mesmo e dar-vos a comer aos porcos.

Willibald abriu a boca, voltou a fechá-la; parecia não saber o que fazer.

— Os dinamarqueses vão voltar — garanti-lhe —, e vai haver um massacre.

Abriu e fechou a boca de novo, mais uma vez sem emitir qualquer som.

— Por isso, o que ides fazer — ordenei — é atravessar o Ouse e ir tão para sul quanto as vossas pernas vos permitam.

— Mas é tudo verdade — argumentou.

— O que é que é verdade?

— Que São Cutberto nos deu a vitória!

— Claro que não é verdade! — rosnei. — Foi Alfredo que inventou toda essa história. Achais que São Cutberto o visitou em Æthelingæg? Se assim foi, porque não nos falou ele do sonho quando o teve? Porque é que esperou até depois da batalha para nos dizer? — Calei-me por um instante e Willibald estrangulou um gemido. — Ele esperou — respondi à minha própria pergunta — porque nada disso aconteceu.

— Mas...

— Ele inventou essa história! — rosnei. — Porque quer que a Nortúmbria procure no Wessex liderança contra os dinamarqueses. Não percebeis que ele quer ser rei da Nortúmbria? E não apenas da Nortúmbria. Não duvido que tenha tolos como vós a dizer aos mercianos que um dos seus malditos santos lhe apareceu num sonho.

— Mas apareceu — interrompeu-me ele. — Tendes razão! São Kenelm falou a Alfredo em Æthelingæg. Apareceu-lhe num sonho e disse a Alfredo que ele venceria.

— Não apareceu nada — retorqui com quanta paciência tinha.

— Mas é verdade! — insistiu o padre. — Foi o próprio Alfredo que mo disse! Isto é obra de Deus, Uhtred, e é maravilhoso contemplá-la.

Agarrei-o pelos ombros, encostando-o à parede da passagem.

— Tendes escolha, padre — disse-lhe. — Podeis sair de Eoferwic antes do regresso dos dinamarqueses, ou inclinar a cabeça para um dos lados.

— Posso o quê? — perguntou, espantado.

— Inclinar a cabeça para o lado — repeti —, e eu bato-vos numa orelha para que todos esses disparates caiam pela outra.

Ele não se deixou convencer. Alimentada pelo banho de sangue em Ethandun e coberta com o manto da mentira acerca de São Cutberto, a glória de Deus brilhava sobre a Nortúmbria e o pobre Willibald estava convencido de que estava presente para testemunhar o início de grandes coisas.

Nessa noite foi celebrado um festim, uma coisa pobre, com arenque fumado, queijo, pão duro e cerveja insípida; o padre Hrothweard proferiu mais um discurso apaixonado em que afirmava que Alfredo do Wessex me enviara a mim, o seu maior guerreiro, para liderar a defesa da cidade, e que o *fyrð* dos céus viria para proteger Eoferwic. Willibald gritou sucessivas vezes aleluia, acreditando em todos aqueles disparates, e só na manhã seguinte, quando uma chuva cinzenta e uma névoa sombria caíram sobre a cidade, começou a duvidar da chegada iminente dos anjos de espada.

As pessoas começaram a abandonar a cidade. Corriam rumores de que bandos de guerra dinamarqueses estavam a reunir-se a norte. Hrothweard continuava a apregoar os mesmos disparates, e conduziu uma procissão de padres e monges pelas ruas da cidade, segurando bem alto relíquias e estandartes, mas qualquer um com um mínimo de bom senso seria capaz de perceber que Ivarr regressaria muito antes da chegada de São Cutberto à frente de uma qualquer hoste divina. O rei Egberto enviou-me um mensageiro, e o homem disse-me que o rei queria falar comigo, mas eu achava que Egberto estava condenado e ignorei o seu chamado. Egberto teria de desenvencilhar-se sozinho.

Tal como eu teria de me desenvencilhar, e o que mais queria era afastar-me da cidade antes que a ira de Ivarr caísse sobre ela, e foi na taberna

Espadas Cruzadas, junto à porta norte da cidade, que encontrei o meu meio de fuga. Era um dinamarquês chamado Bolti, que sobrevivera ao massacre por ser casado com uma saxã, e a família da mulher protegera-o. Viu-me na taberna e perguntou-me se era Uhtred de Bebbanburg.

— Sou eu.

Sentou-se diante de mim, fez uma vénia cortês a Hild e estalou os dedos para chamar a rapariga que servia a cerveja. Era um homem gordo e calvo, com o rosto marcado pelas bexigas, nariz partido e olhos assustados. Os seus dois filhos, ambos meio saxões, não saíam de trás dele. Calculei que um deles tivesse uns vinte anos, e que o outro fosse uns cinco anos mais novo; ambos usavam espada, apesar de nenhum dos dois parecer muito confortável com armas.

— Eu conheci o conde Ragnar, *o Velho* — disse Bolti.

— Eu também o conheci — disse eu —, e não me lembro de ti.

— Da última vez que comandou o *Víbora dos Ventos* — continuou ele —, vendi-lhe cordas e cabos de remos.

— Enganaste-o? — perguntei em tom sarcástico.

— Eu gostava dele — respondeu Bolti com ferocidade.

— E eu amava-o — disse eu —, porque se tornou meu pai.

— Eu sei que sim — continuou ele —, e recordo-me de vós. — Calou-se e olhou para Hild. — Éreis muito jovem — continuou, olhando de novo para mim —, e tínheis convosco uma rapariga pequena e de pele escura.

— Afinal, lembras-te de mim — reconheci, calando-me quando a rapariga trouxe a cerveja.

Reparei que, apesar de ser dinamarquês, Bolti usava uma cruz ao pescoço. Ele viu-me olhar para ela.

— Em Eoferwic — observou —, um homem tem de saber viver. Afastou o casaco para o lado e vi o amuleto do martelo de Thor que usava escondido por baixo do mesmo. — Eles mataram maioritariamente pagãos — explicou.

Tirei o meu próprio amuleto de Thor para fora do justilho.

— Há muitos dinamarqueses convertidos ao cristianismo? — quis saber.

— Alguns — respondeu em tom ressentido. — Quereis comida para acompanhar a cerveja?

— Quero saber porque estás a falar comigo — respondi.

Ele queria abandonar a cidade. Queria levar a sua esposa saxã, os dois filhos e as duas filhas para bem longe do massacre vingativo que suspeitava

estar próximo, e queria espadas para escolta. Olhou para mim com os seus olhos patéticos e desesperados, sem saber que queria precisamente o mesmo que eu.

— Então, para onde vais? — perguntei.

— Não vou para oeste — respondeu, o corpo percorrido por um tremor. — Há morte em Cumbraland.

— Há sempre morte em Cumbraland — notei.

Cumbraland era a parte da Nortúmbria para lá das colinas, perto do mar da Irlanda, e era assolada pelos escoceses de Strath Clota, pelos dinamarqueses da Irlanda e pelos bretões da Gales do Norte. Alguns dinamarqueses tinham-se estabelecido em Cumbraland, mas não eram suficientes para impedirem que os ferozes ataques devastassem a região.

— Eu iria para a Dinamarca — disse Bolti —, mas não há navios de guerra.

Os únicos navios nos cais de Eoferwic pertenciam a mercadores saxões, e os que se atrevessem a zarpar seriam apanhados pelos navios dinamarqueses que, certamente, estavam a reunir-se no Humber.

— Então? — insisti.

— Então quero ir para norte — disse ele —, ao encontro de Ivarr. Posso pagar-vos.

— E achas que posso escoltar-te através das terras de Kjartan?

— Acho que estarei melhor na companhia do filho de Ragnar do que sozinho — admitiu ele —, e haverá homens que se juntarão a nós se souberem que viajais comigo.

Deixei que me pagasse, e o meu preço foram dezasseis xelins, duas éguas e um garanhão negro; o preço deste último fez Bolti empalidecer. Um homem passeara o garanhão pelas ruas, anunciando que estava para venda, e Bolti comprou o animal porque o seu medo de se ver encurralado em Eoferwic valia bem os quarenta xelins que ele custava. O cavalo negro tinha sido treinado para a batalha, o que significava que não se assustava com ruídos altos e que obedecia à simples pressão de um joelho, o que deixava o cavaleiro livre para empunhar espada e escudo sem que isso o impedisse de manobrar o animal. O garanhão fora roubado a um dos dinamarqueses massacrados nos últimos dias, como o provava o facto de ninguém saber o seu nome. Chamei-lhe *Witnere*, que significa Algoz, um nome que lhe assentava bem porque antipatizava com as duas éguas e estava sempre a atormentá-las.

As éguas eram para Willibald e Hild. Eu dissera ao padre Willibald que

devia ir para sul, mas ele estava demasiado assustado e insistira em ficar comigo. Assim, no dia seguinte a ter conhecido Bolti, partimos todos para norte pela estrada romana. Seguia connosco uma dúzia de homens. Entre eles contavam-se três dinamarqueses e dois noruegueses que tinham conseguido esconder-se e escapar ao massacre despoletado por Hrothweard; os restantes eram saxões que queriam fugir à vingança de Ivarr. Todos tinham armas e Bolti deu-me dinheiro com que lhes pagar. Não ganhavam muito, apenas o suficiente para comprarem comida e cerveja, mas a sua presença deveria afastar os salteadores que pudessem atravessar-se no nosso longo caminho.

Senti-me tentado a cavalgar até Synningthwait, onde Ragnar e os seus seguidores tinham as suas terras, mas sabia que encontraria ali muito poucos homens, pois a maioria fora para sul com Ragnar. Alguns desses guerreiros tinham morrido em Ethandun, e os restantes continuavam com Guthrum, cujo exército derrotado permanecia na Mércia. Guthrum e Alfredo tinham assinado a paz, e Guthrum fora mesmo baptizado, o que Willibald afirmava ser um milagre. Assim sendo, haveria poucos guerreiros em Synningthwait. Não era lugar onde procurar refúgio contra as ambições assassinas do meu tio, ou contra o ódio de Kjartan. Por isso, sem nenhum plano concreto em relação ao meu futuro, e satisfeito por deixar o destino agir à sua vontade, mantive a fé em Bolti e escoltei-o para norte, em direcção às terras de Kjartan, que se atravessavam no nosso caminho como uma nuvem negra. Atravessar essas terras significava pagar um preço, e esse preço seria elevado, e apenas homens poderosos, como Ivarr, cujos guerreiros superavam em número os seguidores de Kjartan, podiam atravessar o rio Wiire sem pagar.

— Tu podes pagar — brinquei com Bolti.

Os seus dois filhos conduziam cavalos de carga que eu suspeitava estarem carregados de moedas embrulhadas em panos ou lãs que as impediam de tilintar.

— Não poderei pagar se ele ficar com as minhas filhas — protestou Bolti.

Tinha duas filhas gémeas, com os seus doze ou treze anos, prontas para casar. Eram baixas e roliças, de cabelos loiros, narizes arrebitados e impossíveis de distinguir.

— É isso que Kjartan faz? — perguntei.

— Ele fica com o que quer — respondeu Bolti amargamente —, e gosta de raparigas novas, apesar de eu suspeitar que ele gostaria mais de vos deitar a mão.

— E porque suspeitas tu de tal coisa? — perguntei em voz desprovida de entoação.

— Ouvi histórias — respondeu. — O filho dele perdeu o olho por vossa causa.

— O filho dele perdeu o olho — corrigi — porque deixou a filha do conde Ragnar meio nua.

— Ele culpa-vos a vós.

— Pois culpa — concordei.

Éramos crianças, na época, mas as feridas da infância podiam infectar, e não tinha dúvidas de que Sven, *o Zanolho*, adoraria arrancar-me ambos os olhos como vingança pela perda do seu.

Assim, voltámos para as colinas a oeste quando nos aproximámos de Dunholm, a fim de evitarmos os homens de Kjartan. Era Verão, mas soprava um vento frio que trouxera nuvens baixas e uma chuva fina, e eu senti-me satisfeito pelo forro de couro da minha cota de malha. Hild tinha polido os anéis de metal com lanolina espremida dos tosões recém-tosquiados, o que protegia a maior parte do metal da ferrugem. Também tinha passado gordura no meu elmo e nas lâminas das espadas.

Subimos pelo caminho gasto, com o segundo grupo a seguir-nos a uma distância de duas milhas; havia rastros frescos de cascos de cavalos na terra húmida, traíndo a passagem de outros por ali não muito tempo antes. O uso frequente do caminho devia ter-me feito pensar nisso. Kjartan, *o Cruel*, e Sven, *o Zanolho*, viviam do dinheiro que lhes pagavam os viajantes, e um viajante que não lhes pagasse era roubado, feito escravo ou morto. Kjartan e o filho deviam saber que havia pessoas que tentavam evitá-los recorrendo aos caminhos das colinas, e eu devia estar mais atento. Bolti não evidenciava qualquer receio, porque, pura e simplesmente, confiava em mim. Contou-me histórias de como Kjartan e Sven tinham enriquecido com os escravos.

— Capturam qualquer um, saxão ou dinamarquês — explicou —, e vendem-nos do outro lado do mar. Se tivermos sorte, por vezes podemos recuperar um escravo mediante o pagamento de um resgate, mas o preço é elevado. — Olhou para o padre Willibald. — Ele mata todos os padres.

— A sério?

— Odeia todos os padres cristãos. Considera-os feiticeiros, e o que faz é enterrá-los pela metade e deixar que os seus cães os comam.

— O que disse ele? — perguntou-me Willibald, afastando a égua antes que *Witnere* pudesse agredi-la.

— Que Kjartan o mata se o capturar, padre.

— A mim?

— Para o dar de comer aos seus cães.

— Oh, valha-me Deus — gemeu Willibald. Sentia-se triste e perdido, longe de casa, e nervoso por causa da estranha paisagem do Norte. Hild, por outro lado, parecia mais feliz. Tinha dezanove anos e estava cheia de paciência para com as dificuldades da vida. Nascera no seio de uma próspera família saxã ocidental, que não era nobre mas possuía terras suficientes para viver bem; porém, fora a última de oito filhos e o pai prometera-a para serviço da Igreja porque a mãe de Hild quase morrera ao dá-la à luz, e ele atribuíra a sobrevivência da mulher à benevolência de Deus. Por isso, com onze anos de idade, Hild, cujo nome próprio era Irmã Hildegyth, fora entregue às freiras de Cippanhamm e com elas ficara a viver, isolada do mundo, a rezar e a tecer, a tecer e a rezar, até os dinamarqueses chegarem e a prostituírem.

Continuava a chorar durante o sono, e eu sabia que nesses momentos se recordava das humilhações que sofrera, mas sentia-se feliz por estar longe do Wessex e das pessoas que lhe diziam constantemente que devia voltar para o serviço de Deus. Willibald censurara-a por abandonar a sua vida sagrada, mas eu avisei-o de que um novo comentário a esse respeito lhe valeria um novo e maior umbigo, e desde então não mais proferira uma palavra acerca do assunto. Hild absorvia cada nova paisagem com o sentido de maravilha de uma criança. O seu rosto pálido adquirira um brilho dourado que condizia com a cor do seu cabelo. Era uma mulher inteligente, não a mais inteligente que já conhecera, mas possuidora de uma boa dose de sabedoria. Já vivi muito anos; aprendi que algumas mulheres representam problemas, enquanto outras são companheiras fáceis, e Hild contava-se entre as mais fáceis que já conhecera. Talvez isso se devesse ao facto de sermos amigos. Também éramos amantes, apesar de não estarmos apaixonados, e ela sentia-se culpada por isso. Guardava-o para si e para as suas orações, mas com o nascer do dia recuperava a vontade de rir e o prazer nas coisas simples; contudo, por vezes, a escuridão rodeava-a e ela gemia enquanto eu via os seus dedos compridos darem voltas ao crucifixo, e sabia que sentia as garras de Deus cravadas na sua alma.

Avançávamos para as colinas e eu tinha sido descuidado, e Hild foi a primeira a avistar os cavaleiros. Eram dezanove, a maioria com casacos de couro, mas três deles envergavam cotas de malha. Começaram a rodear-nos pela retaguarda e eu soube que estávamos a ser guiados como um rebanho.

O nosso caminho seguia por um dos lados de uma colina, e à nossa direita abria-se uma encosta íngreme que terminava num rio de águas rápidas. Apesar de podermos fugir para o vale, seríamos inevitavelmente mais lentos do que os homens que fechavam o caminho atrás de nós. Não tentaram aproximar-se. Podiam ver que estávamos armados e não queriam lutas, pretendendo apenas certificar-se de que continuávamos a avançar para norte, em direcção a qualquer que fosse o destino que nos aguardava.

— Não podeis escorraçá-los? — perguntou Bolti.

— Treze contra dezanove? — sugeri. — Sim, se os treze combatessem, coisa que não farão. — Apontei para os espadachins a quem Bolti pagara para que nos acompanhassem. — São bons para afugentar bandidos — continuei —, mas não são estúpidos o suficiente para enfrentarem os homens de Kjartan. Se lhes pedisse que combatessem, o mais provável era que se juntassem ao inimigo e partilhassem as tuas filhas.

— Mas... — começou ele, calando-se de imediato, pois já podíamos ver o que nos aguardava.

Fora montada uma feira de escravos no local onde o ribeiro descia para um vale mais profundo, e nesse vale fundo e largo havia uma aldeia de tamanho considerável junto a uma ponte — não era mais do que uma enorme laje de pedra — que atravessava um rio mais largo que calculei ser o Wiire. Havia uma autêntica multidão na aldeia, e vi que essas pessoas eram guardadas por mais homens armados. Os cavaleiros que nos seguiam aproximaram-se um pouco, mas pararam quando eu parei. A aldeia estava demasiado distante para poder perceber se Kjartan ou Sven lá se encontravam, mas parecia-me seguro assumir que os homens do vale tinham vindo de Dunholm e que seriam chefiados por um dos seus dois senhores. Bolti guinchava de alarme, mas eu ignorei-o.

Dois outros caminhos conduziam à aldeia desde o sul e eram guardados por homens armados que tinham passado o dia a interceptar viajantes. Tinham conduzido as suas presas para a aldeia, e os que não podiam pagar pela passagem ficavam cativos.

— Que ides fazer? — perguntou-me Bolti, em pânico.

— Vou salvar-te a vida — respondi, voltando-me para uma das suas filhas gémeas e ordenando-lhe que me entregasse o lenço preto que usava em volta da cintura à maneira de cinto.

A rapariga libertou-se do lenço com mãos trémulas, entregou-mo e eu enrolei-o em volta da cabeça, tapando boca, nariz e testa com ele. Depois pedi a Hild que o prendesse devidamente.